XIII VCIT
10/12/2013

DISCURSO DE BOAS VINDAS

Senhor Presidente do IAPMEI

Senhor Presidente do Banco Popular

Senhor Presidente da APCRI

Senhores Oradores

Caros Investidores e Empreendedores

Caros Amigos,

Agradecimentos

Começo por dirigir a todos uma palavra muito especial de agradecimento e de boas vindas.

Felicito, em primeiro lugar, o **IAPMEI**, na pessoa do seu Presidente, Dr. Luís Filipe Costa, pelo incansável contributo que tem prestado ao Ecossistema Empreendedor Português. Agradeço também ao Dr. Luís Costa a sua já habitual, mas sempre indispensável, intervenção neste Congresso, para a Abertura dos Trabalhos. Agradeço-lhe, por último, e mais uma vez, o apoio institucional e financeiro concedido que se afigurou fundamental para a realização de mais esta Edição.

Ao **BANCO POPULAR**, na pessoa do seu Presidente, Dr. Rui Semedo, expresso o meu agradecimento pela pronta disponibilidade em ceder, mais uma vez, o seu auditório para a realização deste Evento bem como todo o apoio com que sempre nos distinguiu.

Ao Gestor do Programa Compete, Dr Franquelim Alves, uma palavra de agradecimento especial por todo o apoio que tem vindo a proporcionar aos diversos actores do nosso Ecossistema Empreendedor, quer através da afectação de fundos que permitem a alavancagem das suas operações quer através de medidas de incentivo a acções colectivas que permitem a realização de eventos como aquele que hoje aqui estamos a organizar com a APCRI.

Uma palavra também de muito apreço para a **APCR**I, Associação nossa parceira, na pessoa do seu Presidente, Engº Paulo Caetano, por, mais uma vez, se associar à Gesventure, na dupla qualidade de co-organizador e patrocinador desta iniciativa, que muito agradecemos.

Comemoramos hoje o XIII VCIT.

Na vertigem do tempo, decorreu mais de uma década desde a criação deste Evento.

Desde então, muitos outros Eventos, com temáticas idênticas, foram criados.

O tema do Empreendedorismo proliferou-se transversalmente por toda a sociedade civil, passando a ser bandeira de inúmeras instituições, publicas e privadas, e o mote para o lançamento - na sua maioria de forma avulsa e sem critério - de cursos, programas, concursos e tantas outras iniciativas.

Tal realidade impôs-nos uma introspecção, serena e atenta, sobre o sentido de continuarmos a realizar este Congresso que sempre se destacou pela forma, frontal e esclarecida, com que põe no centro do debate questões que são da maior utilidade para os diversos atores do Ecossistema Empreendedor e que, fora este espaço único, não são suficientemente veiculadas, nem sequer junto das diversas entidades e associações representativas destes atores.

Senão, vejamos:

I – Investimentos realizados

Do ponto de vista financeiro, é sabido que existem inúmeros fundos e linhas de financiamento disponíveis para apoiar projetos de empreendedorismo, nos seus vários estágios de desenvolvimento, incluindo as fases de Pré-Seed e Early Stage.

Mas quem sabe quais os montantes que já foram investidos, em que empresas e sectores de actividade e quanto falta investir ?

Não seria útil saber, por exemplo, que recursos financeiros se encontram por aplicar do Programa COMPETE, no âmbito da Linha de Financiamento a Entidades Veículo formadas por Business Angels, e os apoios aos dezanove Fundos de Capital de Risco, quando se está a cerca de um ano e meio do fim deste Programa vocacionado para o apoio a PME, tanto em fases iniciais do seu ciclo de vida, como em fases de expansão da sua actividade?

Estou convicto de que muitos de vós aqui presentes continuam a desconhecer, por exemplo, que os BA portugueses, já efetuaram 121 investimentos, em 85 start-ups, no montante global de 15.3M euros e que, a todo o momento, irão ver reforçados os seus fundos em cerca de 15M euros, através de um nova linha de financiamento no âmbito do citado Programa COMPETE.

E, certamente, muitos de vós ignorarão que, dos cerca de 185 milhões de euros afectados aos referidos 19 Fundos de Capital de Risco, apenas cerca de 28 Milhões de euros tiveram utilização, para além de mais de 200 milhões de euros que se encontram disponíveis por sociedades de capital de risco, com maioria accionista por parte do Estado Português.

II – Políticas Públicas de apoio ao Empreendedorismo

É de louvar o salto qualitativo que as políticas públicas têm registado, nos últimos anos, nas áreas do empreendedorismo e da inovação. A criação **do Conselho Nacional para o Empreendedorismo e Inovação**, presidido pelo Senhor Primeiro-Ministro, é exemplo notório dessa evolução.

Afigura-se importantíssimo que o Governo disponha de um órgão que defina as áreas e os sectores prioritários, no âmbito destas políticas, bem como a articulação transversal e interministerial nas áreas da inovação, do empreendedorismo e da investigação aplicada.

Mas perguntar-se-á:

- **Que decisões foram tomadas especificamente para estas áreas e sectores prioritários?**
- **Quais as ações levadas a cabo, até ao momento, por este órgão?**
- **Será que o mesmo já não se encontra operacional?**

III – Comunicação institucional dos resultados produzidos pelos programas e iniciativas de apoio ao Empreendedorismo

A primeira questão, fundamental sobre este ponto, é conhecer a estratégia de comunicação que está a ser seguida para conhecimento do que está a ser feito, ao nível dos vários programas e iniciativas.

Para além da ausência de comunicação institucional multimeios dos resultados ocorridos na implementação do Programa de Financiamento, atrás referido, importa, por exemplo, divulgar as boas iniciativas que se têm vindo a desenvolver como a que a Portugal Ventures lançou, recentemente, designada por**"Ignition Capital Network"**.

Resultante de uma parceria com diversos Clubes de Business Angels, com os quais formalizou um Memorandum of Understanding, esta iniciativa destina-se, entre outros importantes objetivos, a catalisar a intervenção da rede portuguesa de investidores em seed innovation capital.
Com efeito, a promoção e o acesso de projetos de base tecnológica, em seed stage, a investimento de capital de risco, e o fomento da participação de investidores privados no processo de avaliação de projetos no âmbito da iniciativa "Call for Entrepreneurship", proporcionam aos investidores uma excelente oportunidade para investir nos projetos seleccionados na citada Call.

Pergunto: Uma iniciativa desta natureza que reflete as melhores práticas de intervenção referenciadas internacionalmente, não seria merecedora de uma divulgação mais ampla, sobretudo junto do ecossistema empreendedor?
Tal não iria permitir chegar a uma base mais alargada de projetos de base tecnológica, criando mais possibilidades e catalisando mais massa crítica nacional através da possibilidade que os empreendedores teriam de chegar a esta importante tipologia de investidores?

Referindo-me a outra importante iniciativa - o **Programa Estratégico para o Empreendedorismo e a Inovação + E + I** (mais empreendedorismo e mais inovação) – não posso deixar de realçar que a mesma constitui outro exemplo de que o Governo português definiu uma agenda ambiciosa para a promoção do empreendedorismo e da valorização económica do conhecimento científico e tecnológico.

Todavia, pergunto:

- **Quais os dados que já foram divulgados sobre o que está ser feito no âmbito deste Programa?**
- **Através de que meios?**
- **A quem chegou essa informação?**

IV - Plano de investimentos realizados pela rede portuguesa de Business Angels

Passando ao plano de investimentos realizados pela rede portuguesa de Business Angels, volto a perguntar:

- **Quem conhece as start-ups em que os Business Angels investiram, através do fundo de co-investimento lançado há quase três anos, no âmbito do Programa COMPETE?**

- **E por parte dos players de apoio à criação empresarial?**

- **Quem conhece os projetos desenvolvidos nos centros de investigação das Universidades (hoje aqui representadas por três distintos responsáveis), ou nos centros de incubadoras, nos ninhos de empresas e nos parques tecnológicos existentes em todo o país?**

Creio, pois, que todas estas questões, e tantas outras que ficaram por suscitar, constituem uma razão suficientemente importante para acreditarmos fazer todo o sentido em dar continuidade a este Congresso pelo menos enquanto, através dele, conseguirmos cumprir o importante objetivo de **permitir pensar muito além do óbvio**. Para isso, continuaremos a mobilizar as vontades, as energias e os talentos de todos quantos convidamos a nele participar.

V – Análise de tendências e de boas práticas fora de Portugal

Além disso, este Congresso continuará a ser uma ocasião privilegiada para se analisarem as tendências tendo por referência as boas práticas do que de melhor se vai fazendo lá fora (daí a presença sempre constante nestes congressos de figuras internacionais de referência no Ecossistema Empreendedor como são o caso, este ano, de **Jack Lang da Universidade de Cambridge e de Dominique Fache da Fundação Sophia Antípolis**), pois é absolutamente indispensável perspetivar aquilo que está a mudar e a que ritmo, porque **a ignorância é potenciadora do erro e a estagnação é paralisante e destrutiva**.

Criar a oportunidade de analisar cenários, antecipar estratégias e projetar o futuro tendo por base as boas práticas hoje aqui trazidas, continua a ser um dos principais objetivos da organização deste Congresso, cientes da importância que esta oportunidade representa para quem se preocupa em acompanhar o processo contínuo de modernização e de mudança do Ecossistema Empreendedor e de todos os atores que este agrega.

Recordo, a este propósito, que a qualidade de alguns projetos que hoje todos nós reconhecemos beberam das boas práticas aqui trazidas, transpondo-as para os seus modelos de negócios e incrementando as suas estratégias e formas de atuação.

VI – Abordagem de temas pioneiros em Portugal

Recordo, ainda, que foi nos congressos, realizados em anos anteriores, que, pela primeira vez, se abordaram temas como:

- A criação de um adequado **enquadramento jurídico-fiscal** favorável à dinamização da actividade de Business Angels
- O lançamento de **programas de co-financiamento** por parte do Estado para alavancar os fundos aportados por estes investidores;
- A criação de um **Programa Nacional de Incubadoras** destinado a estruturar acções de apoio às incubadoras e empresas incubadas já existentes;
- A criação, por parte dos grandes Grupos Económicos nacionais, **de entidades de Corporate Ventur**e, capazes de aumentar o nível de investimentos em projectos assentes na Inovação e Criatividade;
- A criação de **Fundos de Capital de Risco Universitários**, potenciando o acesso direto das Universidades a fundos de capital semente destinados a aplicar os resultados da pesquisa científica em novos negócios e/ou produtos;
- A realização de um **Concurso Nacional de Planos de Negócios**, destinado a dar sequência aos inúmeros concursos de ideias, já lançados em Portugal, para potenciar a criação de empresas inovadoras no âmbito das tecnologias de inovação.

E, tantas outras…

É, pois, neste caminho de antecipação que queremos continuar a movermo-nos e a procurar, interessadamente, contribuir para alcançar novas e melhores formas de agir.

E, nesta linha de atuação, não resisto a antecipar aqui duas ações que, do meu ponto de vista, urge pôr em prática:

- Refiro-me, em primeiro lugar, ao lançamento de um **Fundo de Co-Investimento para a Diáspora Portuguesa**, tendo como principal objetivo alavancar os Fundos que os empresários e gestores da Diáspora Portuguesa invistam em start-ups que tenham a sua origem em Portugal - como são o caso das start-ups que foram apoiadas por Business Angels nacionais, no âmbito do Fundo de Co-Investimento promovido pelo Programa Compete- contribuindo, dessa forma, para que as citadas start-ups beneficiem do seu "Smart Money" na entrada dos seus produtos e serviços nos atrativos, mercados onde desenvolvem a sua atividade empresarial.

- Em segundo, lugar, e tendo presente o manifesto aumento, registado nos últimos dois anos e meio, da atividade desenvolvida pela Comunidade Portuguesa de Business Angels e do montante de mais de 37 milhões de euros, atualmente ao dispor desta Comunidade, importa apostar fortemente, por um lado, na **profissionalização das Redes de Business Angels** e, por outro, na própria **capacitação individual destes investidores** que deverão ser, cada vez mais, profissionais habilitados em diferentes aspetos, desde o aporte à gestão das start-ups que apoiam, até ao momento do desinvestimento.

VII – A importância das Universidades no alargar das fronteiras do conhecimento

Por último, não quero terminar sem realçar a honra imensa de poder reunir, neste mesmo espaço, dois Vice-Reitores e um Pró-Reitor de três das maiores Universidades Portuguesas, a representar neste Congresso o que há de mais próprio e de mais estruturante numa Universidade: o papel de, continuamente, empurrar as fronteiras do conhecimento humano.

Mas a missão destas três Universidades aqui representadas não se contém nesta sua função principal. Elas são o exemplo da importância de se preparar bem os jovens para um mundo, cada vez mais exigente, em que o grau de imprevisibilidade do dia de amanhã e a **mudança de paradigma de uma única carreira para a vida, para uma vida com várias carreiras, está já a acontecer**.

É, pois, necessário:

- Ajudar os nossos jovens a adquirir competências que os habilitem melhor para lidar com a mudança e com a necessidade de forjar as suas próprias oportunidades.
- Desenvolver iniciativas que permitam **aproximar a comunidade científica do tecido empresarial nacional**.

- Que as empresas tomem conhecimento da investigação que está a ser levada a cabo nas Universidades e apliquem os resultados da investigação na criação de produtos de elevado valor acrescentado.

Para isso, acredito, ser cada vez mais importante reequacionar o modelo de financiamento das Universidades, nomeadamente a forma como são atribuídos os fundos com origem no Orçamento de Estado, tendo em vista premiar aquelas que desenvolvam iniciativas promotoras da criação de spin-offs ou outras formas de criação empresarial.

Iremos, pois, ouvir a intervenção destes três Responsáveis Universitários, na expectativa de ficar a conhecer as estratégias que vão ser adotadas nos próximos tempos, tendo especialmente em conta os efeitos que as mesmas poderão vir a produzir nas vertentes atrás abordadas.

VIII - Conclusão

Termino, dirigindo, uma palavra amiga a todos os que a nós se juntaram, em especial aos Empreendedores presentes neste auditório, pois são vós os **portadores da esperança** e representam a **mentalidade criativa** que nos conduzirá às empresas que querem ter futuro no século XXI.

Se, no plano do desenvolvimento, o progresso do Ecossistema Empreendedor nacional tem sido visível, é também minha convicção que está ainda longe de esgotar todo o seu potencial.
De facto, estimular o empreendedorismo qualificado, consubstanciado na criação de micro, pequenas e médias empresas, será sempre uma das principais vias para se chegar à riqueza, emprego, inclusão e coesão social.

Não se trata de uma mensagem retórica, mas sim de uma profunda convicção de que **Portugal tem capacidades para ganhar o futuro**.

Compete-nos trabalhar, juntos, com confiança e articuladamente em prol deste país Empreendedor.

Desejo-vos os maiores sucessos.

A todos, um obrigado, pela vossa participação.

Francisco Banha

Presidente da GESVENTURE

fbanha@gesbanha.com

www.gesventure.pt